

Apresentação do Livro de Leonel Coelho “Um Panteão para a Poesia”

27.12.2018

Agradecer o convite do Leonel para prefaciar e apresentar este seu último livro. Agradecer à Dores pela mediação. Desejos de uma boa noite para todos.

Hoje o Leonel está duplamente de Parabéns. Por um lado, porque faz 85 anos e apresenta esta jovialidade invejável, por outro, pela edição de mais um Livro, que também ele se escreve com letra maiúscula, e que muito mais rica torna a sua obra já extensa.

Em primeiro lugar, gostava de me juntar ao Leonel na justíssima **homenagem que presta ao nosso amigo Baltazar Vieira**, “tombado na serra de Monchique”. Seguindo as palavras do Leonel, “é de facto a todas as camadas de pessoas que dedico esta minha obra, mas é ao meu estimado e saudoso amigo Baltazar Vieira (...) que a dedicatória se escreve com maiúscula.”

Um livro, assinale-se, não é coisa de pouca importância, porque acontece com muita frequência que basta um livro para que o rumo da humanidade se altere por completo. Pensemos, por exemplo, em Platão e na sua Academia, e por extensão na filosofia grega, considerada o berço de toda a civilização ocidental; ou pensemos nos evangelhos e na forma como têm sido determinantes na marcha do homem pela história; ou, então, no Manifesto do Partido Comunista, de Karl Marx, livro fundamental para o desenvolvimento e consolidação do socialismo científico, com o seu materialismo histórico; ou, pensando mais estritamente na poesia, nos Lusíadas, e na Mensagem, livros respetivamente de Luís de Camões e de Fernando Pessoa, marcos fundamentais do devir de Portugal no mundo.

Neste sentido, gostava de fazer uma referência particular a **Alhos Vedros** e às suas dinâmicas culturais muito ricas e próprias, terra de um

associativismo que se reconhece muito fértil; com uma história significativa que se estende até ao início da formação de Portugal e que se desenvolve com ele; e, por fim, reconhecendo nela um surpreendente movimento literário em que se constitui parte da sua identidade, porventura, uma das suas maiores riquezas, pois que lhe confere um pulsar original que, de alguma forma, a diferencia dos lugares vizinhos.

Quando referimos as particularidades de Alhos Vedros e afirmamos as suas potencialidades, as suas riquezas, gostávamos de alertar que não o fazemos com uma visão etnocêntrica, procurando afirmá-la em valor cultural superior às terras vizinhas, longe disso, até porque temos perfeita consciência que Alhos Vedros se constitui por gentes que vieram em fluxos migratórios das mais diferentes regiões do país onde, certamente, pensando num passado recente, pontificam com algum destaque alentejanos, algarvios, beirões e caramelos.

Por ora, o que queremos de facto salientar é que Alhos Vedros tem um movimento literário de significativa dimensão, com muita gente a escrever e a publicar livros, onde sem muito esforço nos vêm logo à cabeça vários nomes, como sejam, Dores Nascimento, Rafael Nascimento, Luís Gomes, Luís Santos, Manuel João Croca, António Tapadinhas, Carlos Vardasca, Celeste Cantante, Tomás Coelho, Fernando Pires, Leonel Coelho, entre outros, o que para uma vila relativamente pequena não deixa de ser muita gente. Só nos últimos dois meses foram, por aqui, publicados mais 3 livros (Celeste, Croca e Leonel) e, certamente, que se pensarmos no ano inteiro o número duplica. E logo a pergunta surge: Porquê? Quais as causas para tão rara e abundante riqueza literária em modesta vila?

Certamente que serão múltiplos os fatores que estão por detrás da resposta, mas não podemos deixar de destacar, desde logo, o reconhecido mérito que a **Academia Recreativa e Musical 8 de Janeiro** tem tido, quanto a todo este rodopio à volta dos livros. Com certeza, não será a única a ter esses méritos, pois que no concelho outras entidades também têm desenvolvido uma pertinente atividade nesta área, como por exemplo, a CACAV, ou a própria Câmara

Municipal. Nós próprios participamos na feitura de um Blogue/Revista chamado “Estudo Geral” que no início do próximo ano fará nove anos de publicações , onde têm participado dezenas de autores espalhados, sobretudo, por vários países e comunidades onde se fala a Língua Portuguesa. Mas a Academia, com a sua Feira do Livro que vem organizando de forma ininterrupta desde 1972, e que entrará no próximo ano na sua 48ª edição, constitui-se, de facto, como um caso raro no país, conferindo-lhe nas dinâmicas literárias um lugar de grande destaque na nossa comunidade.

E ao falarmos da Academia, sem que precisemos de dizer porquê, logo nos chega também o nome do nosso autor **Leonel Coelho** e do seu último livro “Um Panteão para a Poesia” que hoje aqui nos trás. E passo a citar alguns períodos do Prefácio que para ele escrevi:

Ora, o nosso autor, Leonel Eusébio Coelho, do qual não separamos Celina Baltazar, a sua companheira de sempre, tem sido o grande timoneiro desse barco chamado “Academia” (...).

Leonel Coelho, o incansável antifascista, militante comunista, associativista, agricultor nos tempos livres, treinador de ténis-de-mesa de crianças e jovens, apaixonado pelo livro e pela leitura, escritor, poeta, organizador mor dessa Feira do Livro onde, além do mais, tem vindo a desfilar a sua obra artística, numa “mão cheia” de livros que se nos vão dando a conhecer.

E a Celina a preparar uma sopinha para o Zeca Afonso, em tempos que para se ter ideias próprias tinha de se andar fugido, escondido, da polícia política salazarenta, por entre casas de amigos e ensaios da “Grândola Vila Morena”. Ou, a passagem de José Afonso por Alhos Vedros, numa história que ainda está por contar.

Pois bem, chegamos então a este “**Panteão para a Poesia**”, obra que vai consolidando a criatividade poética do autor, fazendo jus a um país muito caro à poiesis, ou não fossem os nossos poetas das mais gradas figuras da matriz cultural de Portugal.

Começando pelo **título**, “Um Panteão para a Poesia” logo nos diz que mais do que um simples livro de poemas, é uma homenagem aos

poetas e à própria poesia, pois que um Panteão é um lugar onde se resguardam as memórias reservadas a pessoas ilustres, sendo que aqui as pessoas ilustres são os poetas. E logo o **desenho da capa** o confirma, uma cornucópia desenhada de forma muito bem conseguida pela Dores Nascimento, a interpretar um desejo do pai. Uma cornucópia, dizíamos, uma fonte da abundância, donde jorram nomes de poetas e nos lembra da importância das suas obras. E logo uma pergunta nos surge e que deixamos ao nosso autor: Onde será a que se liga o início do funil da cornucópia, por onde entra tão abundante maré de poesia?

Na **contracapa**, uma fotografia de José Augusto Nascimento, muito bonita, em que o nosso autor pousa encostado à Escola Primária de Ortiga, a sua terra natal, onde em cuja parede se inscreve um poema de sua autoria. E claro que, uma escola primária nos faz pensar imediatamente com Fernando Pessoa que “o melhor do mundo são as crianças”, e na importância de que se reveste o ato de educar.

E terminaremos com algumas palavras sobre o autor e os poemas em que se ergue o livro:

Temos acompanhado a obra do autor e cremos que lemos todos os seus livros. Sensíveis a uma natureza de formação antropológica, sempre nos encantou a riqueza de uma escrita de pendor muito etnográfico que nos seus livros se revela. E, neste em particular, onde encontramos uma atenção muito cuidada sobre o devir humano e os pequenos episódios do dia a dia, dos sinais que a vida trás, dos homens, das mulheres, da mãe natureza. Na simultaneidade de uma pátria e de uma matéria que se transformam elas próprias na Língua Portuguesa, sem que se deixe de salvaguardar o mesmo direito à afirmação do botequim de todas as línguas, todos os dialetos. Mas, para além do mais, pela clareza cristalina das palavras, do sublime caráter da comunicação efetiva na transmissão das ideias, do ritmo certo dos poemas e da sua profunda substância.

Ou, rebuscando no livro alguns dos seus belos versos: Da vida dura, das fábricas e dos campos, do suor da labuta, “dos mineiros de S. Francisco que tossem e tossem, e morrem envolvidos em volfrâmio”. Do

olhar cuidado aos mais pobres, na proteção dos mais indefesos, dos derrotados desta vida, e logo sobre os sem abrigo: “até quando esta vergonha, este martírio?”. Em busca de uma vida digna para todos, da fraternidade e da partilha em que “senhores e subalternos, somos cada vez mais iguais.” Eis que a cidade se apaga bruscamente, mas “num desvão uma velhinha, parteira de profissão, estendeu o braço, cerrou a mão, riscou o fósforo e (...) fez-se luz, a cidade acordou.” “Olhos no chão, é que não”. E que a “festa comece nesse mar sepulcro”, pelos imigrantes, nesse cemitério imenso em que se tornou o mediterrâneo. Do valor imenso dos poetas e das leituras, sem que faltem umas palavrinhas, luminosos versos, “aos que trocaram liberdade por músicas”, aos cantores de protesto que resistem e na inspiração criativa em que se resguardam, para eles um poema feito da mesma massa que escorre numa sinfonia de espanto, “que música esta que descia por mim, ao redor de mim. E dou por mim espantado, que música é esta?”. Afinal, “um panteão para a poesia” feito um rio. Ou, em primeiro lugar, como uma correria das águas que ao nascerem se rasgam montanhas abaixo e se afundam em rápidos, numa récita de protesto e de raiva por um curso que precisa de ser conquistado; depois, delineando caminhos, serpenteando em meandros entre uma ajeitada estética que lhe permita navegar de forma coerente, perfeita quanto possível; e, por fim, feito um recanto do estuário na maturidade da vida, uma baía de águas calmas em que se espraia e ao olhar para trás se orgulha da longa caminhada, naquilo que possa servir de chão para outras águas que virão.

“Um Panteão para a Poesia” que, absolutamente, se recomenda.

Muito Obrigado.